

Memória em movimento: resgate de trajetos e práticas na Ilhota, território negro mítico de Porto Alegre/RS, a partir de fotografias de acervo¹

Felipe da Silva Rodrigues (UFRGS/Brasil)²

Elisa Casagrande (UFRGS/Brasil)³

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre a criação de uma crônica videográfica: Do mercado a Ilhota, desenvolvida a partir de um processo de animação de imagens de acervo, visando resgatar e restituir memórias, trajetos e práticas em territórios negros históricos de Porto Alegre/RS, Brasil. A seleção das imagens para criar a narrativa visual foi realizada com o processo de criação de coleções etnográficas, através da aplicação do método de convergência. O foco da crônica, e consequentemente deste texto, é a Ilhota, antigo território negro que foi suprimido pelos processos de transformação urbana da cidade. Apesar disso, ela segue presente em lembranças e relatos, reminiscências dos antigos moradores, como Mestre Borel, cuja fala sobre os deslocamentos da população negra pela cidade serviu de base para a criação do roteiro da crônica.

Palavras-chaves: Memória; Antropologia Urbana; Antropologia Visual

Introdução

No presente artigo, buscamos refletir sobre o processo de criação de uma crônica videográfica: Do mercado a Ilhota⁴, que objetiva um resgate das memórias, caminhos e práticas da antiga Ilhota, um significativo território negro na história de Porto Alegre/RS,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Mestre em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS), Bacharel em Comunicação Social (PUCRS). Pesquisador do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (PROPUR/GEDURB) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/BIEV).

felipe.editoracao@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>;
<https://lattes.cnpq.br/8171419229468738>.

³ Doutoranda em Antropologia Social no PPGAS/IFCH/UFRGS. Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Possui graduação em Comunicação Social - Relações Públicas e Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Pesquisadora associada do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS.

elisacasagrande@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5868-1772>;
<http://lattes.cnpq.br/3556327297928042>.

⁴ <https://youtu.be/bn43QhE-2YI?si=MwIrQpALxrDssczO>

bem como daqueles que habitaram este lugar. A crônica foi pensada a partir da animação de coleções fotográficas obtidas em acervos etnográficos e museais da cidade, como o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Memorial do Legislativo do RS e Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), e reunidas a partir do método de convergência (Eckert & Rocha, 2013).

O roteiro da crônica foi criado visando estabelecer uma narrativa que evidenciasse os aspectos da Ilhota, bairro agora desaparecido, buscando também, de certa forma, trazer à tona o cotidiano dos seus antigos habitantes. Esse roteiro foi elaborado com base em narrativas de Mestre Borel (Walter Calixto Ferreira), obtidas através de entrevistas realizadas pela Prof^a Dr^a Ana Luiza Carvalho da Rocha. Esses relatos, juntamente com outros materiais, resultaram no documentário "Memória do Trabalho na Cidade de Porto Alegre", uma peça importante de acervo, e está disponível na plataforma Tainacan⁵ no interior do site do BIEV⁶. No depoimento, Borel relata detalhes dos trajetos da população da Ilhota até o Mercado Público, usando barcos para chegar a seus locais de trabalho.

A crônica videográfica foi desenvolvida para integrar o documentário etnográfico Porto Alegre, 250 anos: memórias do trabalho⁷. O documentário, desde a sua concepção até a sua finalização, teve uma dupla intencionalidade. Primeiramente, a de rerepresentar as memórias do trabalho na cidade de Porto Alegre e de seus habitantes, em especial as populações negras, perseguindo rastros e vestígios presentes nos antigos registros fotográficos que retratam a cidade no passado. A outra intenção do documentário foi a de utilizar e dar visibilidade às fotografias, pinturas, documentos audiovisuais, desenhos e sons de acervo de pesquisas realizadas, em contextos etnográficos, pela equipe do BIEV, em seus mais de 25 anos de atividade.

Dessa forma, a crônica videográfica é fundamentada na análise de registros temporais dos processos de retificação do Arroio Dilúvio e construção da Avenida Ipiranga, obras que resultaram no desaparecimento da Ilhota e em uma drástica

⁵ Um software livre pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. E serve para a criação e gestão de acervos digitais. <https://tainacan.org/>

⁶ <https://www.ufrgs.br/biev/>

⁷ Documentário disponível em: <https://youtu.be/4ALOkFldtQw>

Realização: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV e Teça Produções Artísticas e Culturais/Sapiê Produtora Audiovisual. Produção: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Laboratório de Antropologia Social/PPGAS/IFCH/UFRGS. Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul/FAPERGS. Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert; Roteiro: Pedro da Rocha Paim, Ana Luiza Carvalho da Rocha; Animações: Felipe Rodrigues; Duração: 44:20; Ano: 2022.

transformação na paisagem urbana de Porto Alegre. Estas intervenções urbanas foram realizadas em conjunto com projetos de remoção da população negra de certos espaços da capital gaúcha, como o caso do Projeto Renascença, que transferiu os habitantes da Ilhota para o bairro da Restinga. Mas, apesar das tentativas de apagamento da presença da população negra na memória coletiva da cidade, a Ilhota, assim como outros territórios emblemáticos, permanece viva.

A ideia é que esse material possa se somar a esforços de preservação de memória e contraposição a narrativas de apagamento, além de evidenciar conflitos socioambientais e raciais presentes em Porto Alegre ao longo do tempo. Para colaborar no resgate da memória da cidade, nesse contexto, utilizamos partes desses depoimentos e dados das transformações urbanas que ocorreram na cidade, para falar sobre os personagens presentes nas imagens, sob o olhar da Antropologia Urbana e da Antropologia Visual. Para isso, utilizamos como referencial teórico a etnografia da duração, proposta por Eckert e Rocha (2013), buscando dar visibilidade a essas narrativas que seguem reverberando nos espaços da cidade.

Desenvolvimento, da crônica videográfica

As imagens utilizadas para a construção da crônica foram reunidas a partir de buscas realizadas em acervos de museus, como o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo; o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; o Memorial do Legislativo do RS; e o acervo do BIEV. Após a seleção das fotografias, elas foram categorizadas, classificadas e arranjadas em forma de coleções etnográficas, e a escolha das imagens que integram a narrativa visual se deu através do método de convergência (Eckert&Rocha, 2013), tendo como base a fala do Mestre Borel. No relato, Borel conta sobre deslocamentos da população da Ilhota, em sua grande maioria negra, pela cidade, trajetos muitas vezes realizados através dos riachos que existiam na região.

Ela vinha até a Azenha, da Azenha pra lá tinha outro nome. Nós íamos até a Rua Santana e tinha outro nome. Que quando sai ali da Rua Marcílio Dias tem até uma curvinha. Até a Rua São João. Aquele pedacinho de rua vinha só até a Azenha, que era de chão batido e tal. No que atravessa a rua, ela continuava até a Rua Santana, chamava-se Rua São Suci, onde é o Ernesto Dorneles, o hospital, tudo era fundo do lixo. Não passava nada ali. Morou ali a Joana, aquele que fazia o carnaval, morou ali as famílias deles ali e nós morávamos ali também. No número 107, onde eu vi o grande Zepelim, pela primeira e única vez, em 1932 ou 1933. Passou ali bem baixinho, e a gente não sabia que “charuto” era aquele. A única rua que tinha ali que passava era justamente a travessinha São João, que agora sai ali no hospital do coração ali né. Aquilo ali era banhado, tinha aqueles portugueses. Pra ir, por exemplo, para o Partenon, você vinha direto pela João Pessoa, aqui ali também era um riacho que passava ali e ia ligar lá embaixo na Ilhota. (Fala do Mestre Borel presente no

A aplicação do conceito de coleções etnográficas e do método de convergência foi utilizada conforme proposto pelas professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert⁸ (coordenadoras do BIEV), para realizar um estudo a partir de imagens, pois “não se pode enfrentar esse desafio senão com novos experimentos de pesquisa, capazes de provocar novas indagações epistemológicas para se compreender o hibridismo das formas que configuram os fenômenos culturais das grandes cidades” (Eckert&Rocha, 2013, p.199).

Ao trabalhar com coleções etnográficas de imagens presentes e passadas, estamos operando com uma convergência de imagens da quais a imaginação criadora do antropólogo participa intensamente em seu processo de produção de imagens como forma de narrar a cidade, dando a ela um continuum de consciência a si e a todos os outros nelas representados. Portanto, torna-se importante pensar a pesquisa com coleções etnográficas como integrantes da investigação de uma etnografia da duração no âmbito dos estudos das práticas culturais no mundo contemporâneo e dos seus fluxos espaços-temporais. (Eckert&Rocha, 2013, p.60)

A criação de crônicas videográficas partiu da necessidade do uso de fotografias para a realização de transições de passagens de tempo entre crônicas visuais e sonoras do documentário. Assim, as crônicas seriam elementos de ligação entre as narrativas das memórias do trabalho e, também, elas mesmas se configurariam como narrativas imagéticas do documentário. Para isso, foi realizada uma pesquisa, a fim de recolher imagens, fotografias e aquarelas que representassem lugares e gestos relacionados ao trabalho na cidade de Porto Alegre.

A partir da coleta das fotografias e iconografias, foram arranjadas novas coleções etnográficas, como a coleção da região da antiga ilha (Figura 1), local periférico da cidade onde, em sua grande maioria, habitavam negros. A coleção é composta por imagens de habitações, como dos seus moradores, pois no início do século XX não havia uma quantidade significativa de representações visuais dos habitantes negros de Porto Alegre, quando raro apareciam nas imagens, mas quase sempre ocupando um lugar de trabalho. Foi criada também uma coleção com imagens relacionadas à região central da cidade, fotos do Mercado Público, seu entorno e do porto, em diversos períodos de tempo, um espaço singular para a identidade urbana local, que foi palco de enraizamento de diversas práticas sociais (Certeau, 1996), especialmente das formas de trabalho da

⁸ Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013), apresentam as coleções etnográficas e o método de convergência, como procedimentos de pesquisa para a realização da etnografia da duração, metodologia desenvolvida para investigações antropológicas das e nas sociedades complexas.

população negra na área central. Homens, mulheres e crianças atuavam no embarque, desembarque e transporte das mercadorias. Por fim, foi elaborada uma coleção com imagens relacionadas às obras viárias de retificação do Arroio Dilúvio, que transformaram drasticamente a paisagem da cidade, resultando na criação da Avenida Ipiranga e no “apagamento” da Ilhota em Porto Alegre.

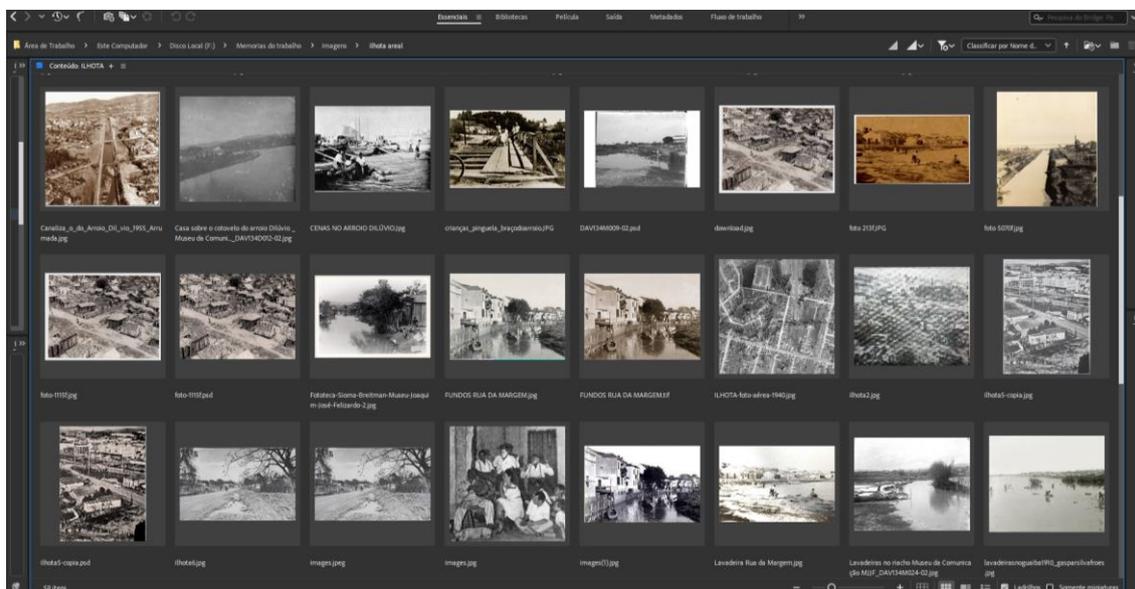


Figura 1 - Captura de tela do software Adobe Bridge com a coleção criada com imagens da antiga Ilhota. Felipe Rodrigues, 2024.

A partir do enquadramento em categorias e palavras chaves, o método de convergência foi aplicado a essas novas coleções, o que tornou possível a visualização de uma correlação entre essas imagens, uma vez que mesmo em coleções distintas, as fotos convergem, seja pela relação de palavras-chave, tal como data, local, tipo de trabalho, ou por aspectos presente na representação da imagem, como edificações, trabalho ou trabalhadores.

Tendo em vista que as crônicas seriam criadas a partir do uso de imagens estáticas, foi preciso usar dois processos de roteirização para a construção do material, primeiro selecionando as imagens a serem usadas, de que forma elas seriam interligadas e as transições usadas, buscando dar a ideia de movimento e ritmo. E o segundo processo foi em relação às animações dentro de cada uma das imagens, usando paralaxes.

Uma paralaxe é definida como um deslocamento aparente de um objeto observado, criado pela mudança de posicionamento do observador. Na produção audiovisual, a paralaxe é uma técnica para a animação de elementos no interior de uma imagem estática. A partir da edição da imagem, os elementos presentes na representação

são separados em planos⁹, utilizando um software de edição de vídeo - no caso o Adobe After Effects, que permite a simulação de uma câmera virtual (Figura 2). Desse modo, os elementos, separados em planos, são dispostos em distâncias distintas em relação a câmera virtual, o que faz com que ocorra o deslocamento dos elementos no interior da imagem com a mudança de posição da câmera virtual. É como se a imagem fosse separada em diferentes elementos, e a simulação da câmera virtual permitisse a mudança de perspectiva destes, criando a sensação de movimento.

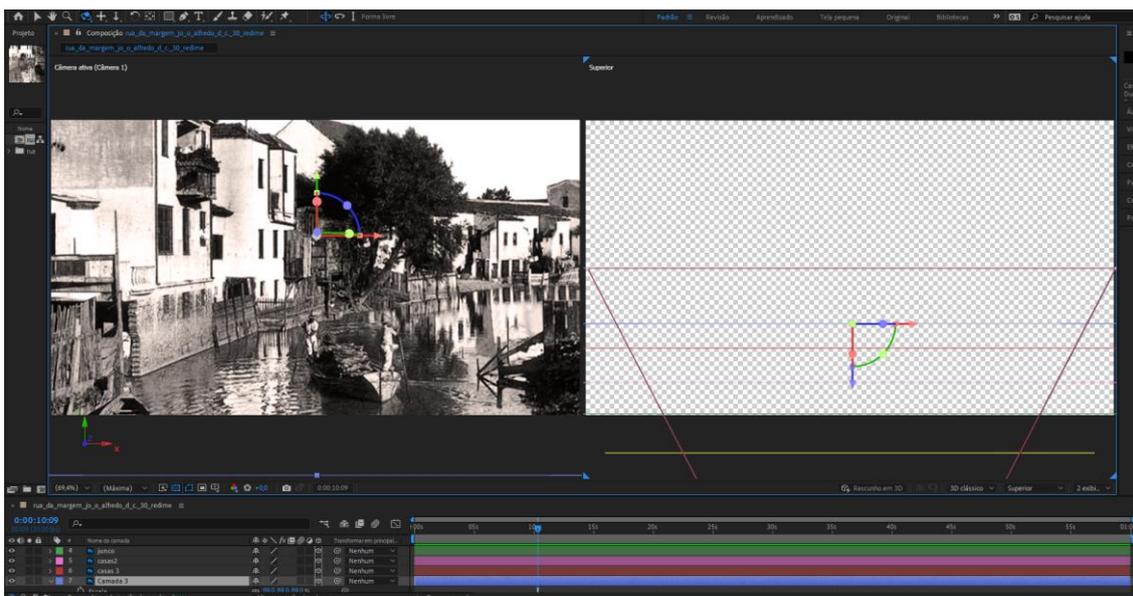


Figura 2 - Captura de tela do software Adobe After Effects. A esquerda a fotografia com os elementos separados em planos; e a direita os planos, representados pelas linhas com cores, dispostos em distâncias distintas em relação a câmera emulada. Felipe Rodrigues, 2024.

Com a emulação da câmera virtual foi possível a construção das crônicas a partir de imagens estáticas, pois o movimento entre as imagens, foi feito pelo deslocamento da câmera virtual ligando as fotografias, como se cada uma delas fosse uma cena diferente. As transições foram criadas através de movimentos panorâmicos, como por exemplo movendo a câmera virtual da esquerda para a direita, percorrendo uma imagem em busca da próxima, e como cada uma delas já estava com os planos separados, este movimento panorâmico que ao mesmo tempo dava dinâmica entre uma imagem e a outra,

⁹ Arlindo Machado (1984, p.64), ao falar sobre o ponto de fuga e a perspectiva nas pinturas renascentistas, aponta que existe uma hierarquia de proporções entre as distâncias relativas dos objetos tridimensionais dispostos no espaço, a qual deveria ser representada quando este espaço fosse projetado em um plano bidimensional. Logo, objetos ficariam dispostos em planos, sendo os do primeiro plano maiores, proporcionalmente às suas distâncias relativas, aos objetos dos demais planos, dispostos mais ao fundo da cena, dando a ideia de profundidade a imagem criada. O que posteriormente foi adotado pela fotografia “É sabido que, no seu uso convencional a fotografia é sempre invocada para simular uma continuidade absoluta do espaço, desde o primeiro plano da cena até o ponto de fuga, ou seja, para permitir uma projeção integral do espaço codificado pela perspectiva. (1894, p.116).

movimentava os elementos no interior de cada imagem ao gerar a paralaxe pela mudança de perspectiva.

Dessa forma, a partir das imagens reunidas em coleções e com base nas mudanças de perspectivas, com simulações de pontos de vista e de movimentos de câmera, esse procedimento tem nos permitido, através do estudo da duração, retido pelos diferentes instantes de registros fotográficos, dar visibilidade, em face aos apagamentos das memórias de populações negras em Porto Alegre ao longo dos processos transformações urbanas ocorridas na cidade (Bachelard, 1997).

Narrativa da crônica videográfica



Figura 3 -Walter Calixto Ferreira (Mestre Borel). Acervo BIEV. Foto: Fernanda Reicherberg.

A crônica videográfica faz parte do documentário etnográfico *Porto Alegre, 250 anos: memórias do trabalho*, e foi roteirizada tendo por base, especialmente, o trajeto do trabalho negro. O registro da fala de Walter Calixto Ferreira, Mestre Borel (Figura 3), foi captado originalmente para o documentário *Mestre Borel, a ancestralidade negra em Porto Alegre*¹⁰, 2010, que narra com detalhes suas memórias e seus deslocamentos pela cidade de Porto Alegre, além da presença de população negra na área central da cidade. Borel é um dos nomes marcantes da história do batuque gaúcho, mas ele também foi pesquisador e entusiasta da cultura negra, como o samba, o carnaval e o teatro. Ele também é autor do livro *Agô-iê, vamos falar de Orishás?* e era um grande contador da sua própria história, e, conseqüentemente, das memórias relacionadas à cidade de Porto Alegre. Borel era considerado "o mais velho e antigo Alabê que se tem notícias"¹¹. Os registros indicam seu nascimento em 1924, na cidade de Rio Grande, teria vindo para a capital gaúcha em 1925¹².

A crônica se dedica a visibilizar o trabalho e os itinerários da população negra, desde o território da Ilhota até o Mercado Público, por água, usando os riachos da região como vias de deslocamento pela cidade. De certa forma, o material também traz uma reflexão sobre como processos de transformação urbana ao longo do tempo, acabaram promovendo o apagamento de memórias e formas de vida, de práticas de deslocamento e trabalho, e de territórios inteiros da cidade.

A crônica começa com uma cena composta pela junção de duas fotografias. A primeira, do final do Século XIX, intitulada "Ex-escravos que trabalhavam como vendedores ambulantes em Porto Alegre", do acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, com autoria provável de Virgílio Calegari. E a segunda do início do século XX, onde aparece em primeiro plano um menino negro, de pés descalços, em frente ao Mercado Público de Porto Alegre, do acervo do BIEV e autoria desconhecida (Figura 4). A ideia de inserir os vendedores, junto ao menino em frente ao Mercado Público, foi um esforço de recolocar esses trabalhadores em seu local de trabalho. Há poucos registros, de forma posada, de trabalhadores negros no Mercado Público, ainda que este seja o lugar onde eles, como descrito na legenda, costumeiramente vendiam e ambulavam.

¹⁰ <https://youtu.be/L4ZenoSR9kQ?si=jZVGk99mzWgBIJP>

¹¹ <https://cultura.rs.gov.br/comunidade-negra-gaucha-perde-seu-mestre>

¹² <https://projetobercodobatuquers.wordpress.com/pesquisa/sobre-borel/>



Figura 4 – A esquerda, fotografia intitulada: “Ex-escravizados que trabalhavam como vendedores ambulantes em Porto Alegre”, Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor Virgílio Calegari, final do Século XIX; E, a direita, fotografia do Acervo do BIEV, início do século XX, autor desconhecido.

A maior parte das fotografias remanescentes do passado que encontramos são de imagens mais panorâmicas, mais preocupadas em retratar a arquitetura das edificações da cidade do que seus habitantes, mas, mesmo assim, algumas delas acabam carregando em sua representação rastros e pistas do cotidiano de outro tempo. A sequência de imagens que dá continuidade à crônica visual, percorre a fachada do Mercado Público até chegar na antiga Doca das Frutas, local onde chegavam mercadorias que seriam comercializadas na cidade (Figura 4). Nessas fotos do Mercado Público é possível observar práticas que ocorriam nesse espaço (CERTEAU, 1996). Fazeres ligados às formas de trabalho.



Figura 5 - Fotografia da Doca das Frutas; Fonte: Museu Joaquim Felizardo; Autor: Virgílio Caligari.

Nas imagens que dão sequência à crônica, é possível observar pequenas embarcações no trapiche e diversas carroças em sua volta. Elas estão no local provavelmente para receber as cargas que chegaram pela água, e que serão distribuídas pela cidade. Nas imagens é possível ver homens, mulheres e algumas crianças, quase todas negras, pessoas que estavam ali realizando práticas de trabalho. Estes registros do passado sobreviveram ao tempo, e é quase sempre dessa forma que pessoas negras aparecem nas fotografias antigas, trabalhando.

Seguindo pela crônica visual, saímos do Mercado Público e vamos para a Ponte de Pedra¹³, que hoje é um cartão postal da cidade, mas que já foi uma das formas de ligação da Ilhota com a Região Central de Porto Alegre. A Ponte de Pedra cruzava por sobre um braço do Arroio Dilúvio, que se bifurcava formando o território da Ilhota. É importante ressaltar que essas imagens da narrativa mostram a presença de pequenas embarcações a remo. As águas do Arroio Dilúvio "circulavam" a Ilhota (Figura 5), como uma fronteira, ou uma barreira, mas eram também caminhos, já que eram as vias utilizadas para o deslocamento da população que habitava ali.

A minha mãe, o meu pai, moramos todo mundo ali. Se criamos ali. Nós éramos do Areal da Baronesa, veja bem né. E dali a gente... Por que é um círculo, sabe? A gente ia lá na Ilhota, no Areal, mas esse núcleo de negros sabe, essa senzala, abrangia tudo isso. Pegava a Ilhota todinha, o Areal da Baronesa todinha, a Cidade Baixa toda, até a Borges, porque dali pra lá era zona de meretrício. E era riacho também, dali não passava nada. (Fala do Mestre Borel presente no documentário etnográfico Porto Alegre, 250 anos: memórias do trabalho. Eckert&Rocha, 2023).



Figura 6 - Fotografia dos fundos Rua da Margem (atual Rua João Alfredo) na antiga Ilhota. Acervo BIEV, autor desconhecido, década de 1940.

¹³ Originalmente construída em madeira, sendo substituída pela construção em pedra no ano de 1854.

Nesse sentido, a Ilhota (Figura 7) pode ser pensada como um território mítico (Figura 6), pois mesmo depois de seu apagamento físico da cidade, ela segue presente nas memórias e narrativas de seus antigos moradores. Michel Maffesoli aponta as relações interindividuais que conectam indivíduos a um território partilhado, “estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: *tempo que se cristaliza em espaço*” (Maffesoli, 1998, p. 169). O território da Ilhota é constitutivo da memória da cidade de Porto Alegre. Ela foi morada de camadas populares, na grande maioria população negra, e ali floresceram movimentos culturais, ligados também às religiões de matriz africana e ao carnaval, que seguem reverberando ainda hoje na memória da cidade.

Na verdade, o par território-mito, princípio organizador da cidade, é causa e efeito da difração de semelhante estrutura. Ou seja, tal como uma boneca gigante, a cidade contém em si outras entidades do mesmo gênero: bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas que vão se organizar em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns. Estas cidades helenísticas se apoiam essencialmente na polaridade dupla do cosmopolitismo e do enraizamento (o que não deixa de produzir a civilização específica que conhecemos). Isso quer dizer que a multiplicidade dos grupos, fortemente unidos por sentimentos comuns, irá estruturar uma memória coletiva que, na sua própria diversidade, é fundadora. Esses grupos podem ser de diversas ordens (étnicas, sociais), mas, estruturalmente, é a sua diversidade que assegura a unidade da cidade. (MAFFESOLI, 1998, p.171)



Figura 7 - Detalhe ressaltando o território da Ilhota em uma Planta da Cidade de Porto Alegre datada de 1906, organizada e desenhada por A.A. Trebbi.

As casas simples (Figura 8), as ruas de terra e as comunidades que existiam na ilhota foram removidas junto com as obras de retificação do Arroio Dilúvio e a construção da Avenida Ipiranga, que transformaram a cidade e impactaram na vida e no dia a dia dos habitantes da região. Esses moradores antigos, através do enraizamento com o lugar, se transformaram nos guardiões “não-conscientes” da memória do local, servindo de ligação entre o tempo antigo e esse espaço, que não existe mais na cidade. Maffesoli (1998), ainda propõe, “podemos, então, dizer de maneira lapidar que o espaço é tempo concentrado. A

história se abrevia em histórias vividas no dia-a-dia” (Maffesoli, 1998, p. 179). E esse tempo agora se concentra nas narrativas e nas memórias dos antigos habitantes da Ilhota.

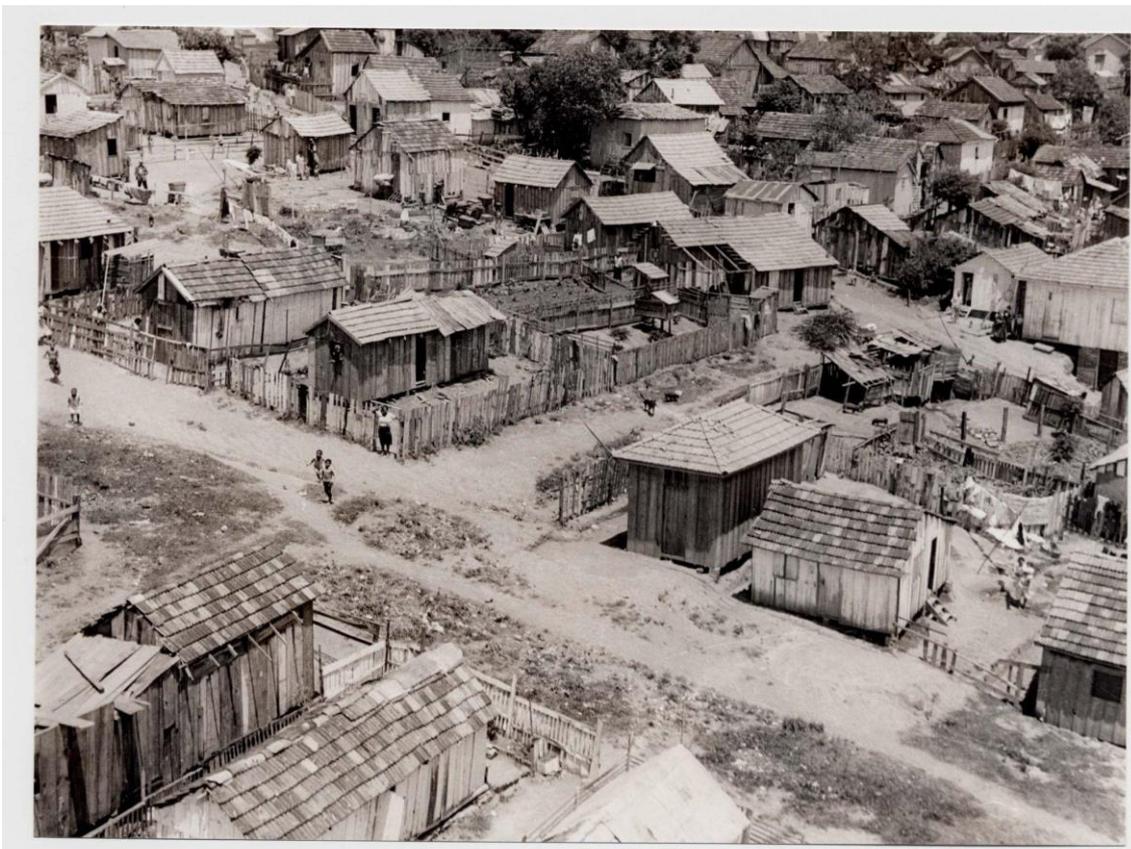


Figura 8 - Fotografia aérea das casas na Ilhota. Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1950.

Borel, nos documentários já citados, *A Tradição do Bará do Mercado Público* (Rocha et al, 2008) e *Mestre Borel Ancestralidade Negra em Porto Alegre* (Rocha et al, 2010), fala sobre a questão do trabalho e dos deslocamentos, mas também traz rastros da memória da cidade. Como é possível observar nas falas que deram origem à crônica videográfica, quando ele conta sobre a presença da população negra no centro histórico, o local já no período de construção do viaduto da Avenida Borges de Medeiros - entre 1926 e 1932¹⁴ - era conhecido como cidade baixa. O local era parte do Areal da Baronesa, outro antigo território negro, vizinho à Ilhota, que, como mostra Olavo Ramalho Marques (2006), foi reduzido exponencialmente em termos espaciais e atualmente é um quilombo urbano, localizado no bairro Cidade Baixa. Assim, Areal e Ilhota eram comunidades vizinhas, divididas pelo Riacho (Figura 9). No depoimento de Borel:

Porque aquilo ali é considerado o Areal da Baronesa não é, mas nós morávamos... no Pão dos Pobres, naquela zona do Pão dos Pobres... É, então,

¹⁴<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/leandro-staudt/noticia/2022/12/viaduto-otavio-rocha-morten-as-explosoes-atraso-na-construcao-e-planejamento-para-ser-simbolo-de-porto-alegre-clawgxsxw001o0170d2n8n13c.html>

aquela parte do Areal da Baronesa, da Rua da Margem, que é João Alfredo, não é? Cidade Baixa, para até o Pão dos Pobres ali, toda aquela zona praiana ali, aquilo tudo pertence à Ilhota [corrige], ao Areal da Baronesa. [...] O centro, o centro de Porto Alegre é esse, quer dizer, Porto Alegre, centro. Quando estavam fazendo a avenida Borges, eles tavam cavando aquele troço lá, naquela parte que já pegava da Borges pra lá, ali já era Areal da Baronesa.. já era Cidade Baixa, como eles chamavam. Na parte praia, né, do centro pra lá. Do centro pro bairro. Então João Alfredo, José do Patrocínio, que era a antiga Rua da Margem e a Rua da República. Essas ruazinhas todas que pegavam assim, então como é que era Porto Alegre [...] Descendo a avenida Borges, ali já é da Cidade Baixa, então aqui onde tem aquele cinema ali, cinema Capitólio [...] dali pra lá já tudo, já tudo era cidade baixa. Só ela vinha só até ali. [...] ela vinha até a Borges, da Cidade Baixa, aqui ela já entrava na João Alfredo, praia já não tinha mais, porque não tinha mais saída aqui. Então o escape era justamente pela João Alfredo. Então pela João Alfredo, a senhora vinha até a Rua da República. A Rua da República tinha uma ponte, um pontilhão de madeira que ligava o Pão dos Pobres, era a primeira rua, a Luiz Afonso. (Rocha, 2010)

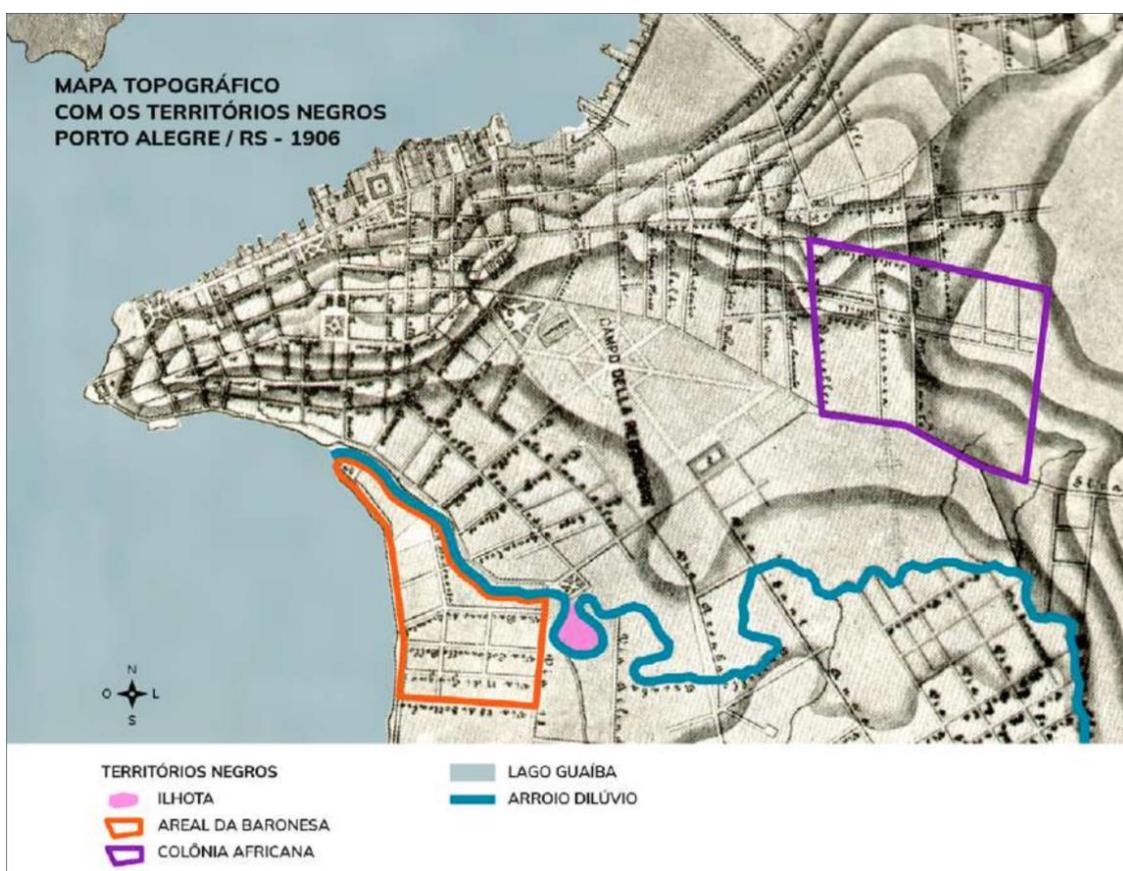


Figura 9: Mapa topográfico, Porto Alegre / RS - 1906. Elaboração Daniele Vieira Machado (2021), Edição: Lara Ferreira. Mapa base: Mapa topográfico de Porto Alegre, 1906 (IFGRGS, 2005).

Essa fala nos traz uma visão vívida da ocupação da população negra em Porto Alegre nesse período, em especial na região do Centro Histórico. E demonstra a relevância dos territórios do Areal da Baronesa (Figura 10) e da Ilhota.



Figura 10: Vista do Areal da Baronesa. Obra: Porto Alegre, 1852. Obra de Herrmann Wendroth. Fonte: http://profciriosimon.blogspot.com.es/2012_05_01_archive.html.

Conclusão, da crônica videográfica

É possível retificar um Arroio? Como conter as águas de um Dilúvio? Essas questões vêm à superfície, uma vez que enquanto escrevemos este artigo a cidade de Porto Alegre acaba de passar pelo que está sendo chamado de a maior enchente de sua história¹⁵. Desde 1941 a capital do Estado do Rio Grande do Sul não sofria uma inundação tão grande, mesmo que tenham acontecido outras enchentes nesse período, como a de 1967. As causas para isso podem ser muitas, mas olhar para o passado, de uma perspectiva da memória ambiental, pode ser têm também uma forma de compreender um pouco dos fen menos climáticos que estão acontecendo, e de como as mudanças urbanas realizadas em Porto Alegre também influenciaram nesse sentido. Uma cidade com grande extensão de aterros, realizados ao longo de muitos anos, redirecionamento e supressão de arroios, descaso ambiental com as águas, muros de contenção e casas bombas de drenagem de água com pouca ou nenhuma manutenção, precisa certamente revisitar sua história e sua relação com essas  guas. Nas cenas finais da crônica visual, são apresentadas uma sequência de imagens aéreas, mais abertas e panorâmicas, que mostram o processo de transformação do território da antiga Ilhota, o que alterou drasticamente a paisagem da cidade como um todo.

O Arroio Dilúvio, foi canalizado no final da primeira metade do século XX e teve seu curso retificado por série de obras que alteraram a sua foz e culminaram na construção

¹⁵ Inundações iniciadas no dia 02 de maio de 2024.

da Avenida Ipiranga¹⁶. Essas medidas foram responsáveis também pela urbanização e valorização da paisagem da cidade (Figura 8). Por vezes, esses processos de transformação urbana acabaram se configurando como processos de remoção e expulsão de comunidades áreas da cidade, como aconteceu com a antiga Ilhota, que teve moradores removidos para assentamentos na Restinga, no extremo sul de Porto Alegre, através do Projeto Renascença.



Figura 8 - Fotografia das obras de retificação do Arroio Dilúvio. No canto superior direito algumas das casas que vieram a ser removidas por conta das obras. Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1950.

A crônica encerra com uma imagem que mostra a alteração da foz do Arroio Dilúvio e o processo de aterramento que a região sofreu (Figura 9). Finalizar a narrativa com esta imagem foi uma decisão tomada com o intuito de representar o esforço de apagamento do território, das práticas e das memórias da Ilhota na cidade.

¹⁶ O processo das obras pode ser melhor entendido através da visualização do projeto Habitantes do Arroio, realizado pelo BIEV/PPGAS/UFRGS e pelo Instituto Anthropos, no ano de 2010. Com direção de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rafael Devos. O projeto Habitantes do arroio apresenta coleções de vídeos de curta duração produzidos em 2009 e 2010, reunindo dados etnográficos, documentos de acervo e entrevistas realizadas pelos pesquisadores durante seus deslocamentos pela bacia do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre – RS.



Figura 9 - Print Screen da última cena da crônica visual. Acervo Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1950.

A “limpeza” e o avanço do aterro sobre o Guaíba, em uma tentativa de controlar suas águas e ampliar os espaços na cidade, avançando sobre o rio, e não sobre as terras da cidade, que ainda eram pouco urbanizadas. Mas é sempre possível encontrar rastros e vestígios do passado, para assombrar o presente, “a fantasmagoria é o correlato intencional da vivência” (Benjamin, 2009, p.843), “e toda realidade da lembrança se torna fantasmagórica” (Bachelard, 1996, p. 235). Essas lembranças são evocadas nos relatos de antigos moradores da Ilhota. E são as memórias deles sobre esse território mítico, com seus trajetos e práticas, que são convertidos em memória coletiva urbana de Porto Alegre. Da mesma forma que as águas do Guaíba, mesmo as áreas aterradas, seguirão servindo como memória ambiental de Porto Alegre e de suas antigas margens.

O que fez M. Halbwachs dizer que, no que se refere às suas cidades, casas ou apartamentos, os grupos “de algum modo esboçam sua forma no solo e reencontram suas lembranças coletivas no quadro espacial assim definido” [...] E, além disso, ilustra o que pretendo ressaltar, isto é, que a revalorização do espaço é correlativa à revalorização dos conjuntos mais restritos (grupos, “tribos”). A proximidade simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade. Esta é a verdadeira dimensão estética de tal ou qual inscrição espacial: servir de memória coletiva, servir à memória da coletividade que a elaborou. (MAFFESOLI, 1998, p.190)

A narrativa da crônica visual foi criada pensando em se tornar uma forma de manter presente a memória da cidade de Porto Alegre, contra tentativas de apagamento, como ocorreu com o do território da Ilhota na cidade. O uso de imagens de acervo para criar narrativas que falam da memória da cidade não tem apenas o propósito de evocar o passado, a duração das narrativas sobre memória tem também a capacidade de reverberar

no presente, e de seguir vibrando rumo ao futuro da cidade. O material reapresenta processos de transformação, segregação e remoção de populações da região Central da cidade, mas também ressalta, de certo modo, o rearranjo dos habitantes e a resiliência nas formas de viver, habitar e trabalhar em Porto Alegre.

As crônicas videográficas produzidas se tornam, assim, um tratamento documental importante de um acervo sobre a cidade de Porto Alegre. As crônicas fazem parte de uma proposta de difusão e divulgação de materiais de pesquisas etnográficas, produzidas no interior de instituições públicas de ensino e pesquisa. No caso, estes materiais são também parte integrante do acervo do BIEV, e do Laboratório de Antropologia Social, como parte do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As coleções foram arranjadas no processo de desenvolvimento de pesquisas, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e demais pesquisas etnográficas. São assim, parte de pesquisas, mas são também acervos pessoais e institucionais, que resultam de memórias da cidade e de seus habitantes, e carregam consigo suas histórias.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. 2a ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1998.
- DURAND, Gaston. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana. L. C. *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1. ed. Porto Alegre, Marcavizual, 2013a.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana. L. C. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2013b.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana. L. C. *Porto Alegre, 250 anos; memórias do trabalho*. 2023. Filme.
- MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Espetacular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARQUES, Olavo Ramalho. *Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP Papyrus, 1995.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios negros em Porto Alegre: RS (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Belo Horizonte: ANPUR, 2021.